© 2021
Edição e diagramação: Elvis Rossi da Silva.
Imagem da Capa: Gustave Doré, Les Saltimbanques. Óleo sobre tela, 1874. Domínio Pùblico.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISDB

R831c
Rossi da Silva, Elvis
Circo do mundo / Elvis Rossi da Silva.- Ribeirão Preto, 2021.
94 fls.
ISBN: 978-65-00-22181-7
1. Poesia. 2. Literatura. 3. Drama.

CDD B869.1
CDU 82-1

Índice para catálogo sistemático:
Poesia brasileira B869.1
Poesia 82-1

Todos os direitos reservados. Direitos do autor protegidos pela Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98) e artigo 184, do Código Penal. A violação dos direitos autorais é crime. A reprodução será permitida desde que seja citada a fonte e autoria.

Dedicatória

À minha esposa, meu filho, meu pai in memoriam & à minha mãe.

É urgente ter calma nesses dias.

TODOS A BORDO

Começamos a viagem com
Uma trouxa pesada nas costas
E, enquanto o Sol nos aquece o frio
Da alma rude, nos despojamos
De toda vã ideação
E nus ao outro lado chegamos.
Pobres, mas ricos,
Nus, mas acolhidos,
Saciados e iniciados
Nas notas de rodapé
Dos mistérios da eternidade.

DAS CICATRIZES ÀS CINZAS

Pudera eu transferir a ti papel
As cicatrizes da minha carne
Que em mim inertes e ignotas,
Mas, em ti, seria pura eloquência.
Estampar na tua face virgem
O assombro dos homens
Que, olhando-te de frente,
Tremeriam ante espantosa sutileza.

LOGO ALÍ

Lembro quando criança
Dum imenso quintal,
Tardes na terra,
Mãe de avental
E sua labuta entre tragos.
Dum cercado repleto de tartarugas
Grandes tão que me levavam nos cascos
E já ia descobrindo que as tartarugas
É que realmente levam o mundo nas costas;
Dos brinquedos com amigos;
A primeira namorada - como era linda!
Olhos claros, Lúcia,
Se bem que o nome não me recordo mais,
Mas nome pouco importava,
O que importava era o que era:
Beijinhos roubados,
Passeios no escuro,
Ela onze, eu sete, risadas.
Mas num daqueles dias que ninguém espera
Pelo medo da tristeza maldita

Ela partiu: um breve adeus [selinho chorado],
Lágrimas de ambos os lados;

Mas não a vi partir.
Passei vezes frente a casa vazia
E um vazio surgiu do nada.
Se uma coisa o nada pode criar é o vazio da perda.

A primeira que acreditamos grandes.
Quando se é criança tudo é grande,
As alegrias e as tristezas,
Mas se tem mais alegrias
Talvez por ter menos conhecimento do mundo.
E não é assim desde Adão, que quis conhecer?!
Maledetto Adamo!
Ai, que o conhecimento é coroa de ferro em cabeça de [barro!]
Tempos depois, uma 'invasão'.
Que palavra mais sem sentido para uma criança,
Eu brincando e um caminhão no quintal.
Eu ria e brincava com os filhos do invasor.
Dias depois nos mudamos.
Lá se foi meu quintal

E as velhas, lentas e cansadas tartarugas

Que carregavam o mundo nas costas.
A invasão soava terrível,
Soava 'perder'.
E assim, criança inocente,
Fui perdendo o que tinha;

Mas quando se é criança não se tem muito a perder
Porque todo espaço é preenchido de alegrias simples,
O que é apenas necessário no mundo.
Descobri, com o tempo, que quando nascemos temos [tudo]
E vai-se perdendo as coisas quando se vai
Crescendo e se enchendo de tristezas,
E vai-se esquecendo do simples tudo.

SE POSSO DIZER ALGO TARDIAMENTE

Houve tempo que ouvia a voz tua
Dizendo sobre a douda voz minha
Que tanto se fazia mui dura;
Voz de pai repleto d'amargura,
Chorosa dentro, mas não escura,
Buscando compreender voz minha
Que arredia buscava na rua
Um amor que não via na espinha.
E quando voltando, mãos já trêmulas
Vi manchadas e rijas as tuas,
Lembrei-me das tuas sobre as minhas
Como que calçam finas luvas
Buscando aquecer as tão pequenas
Da carvorosa noite a friúra
Com calor que das mãos não lhe vinha,
Vinha de alma plena de ternura.
E da voz e das mãos a lembrança
Às penas não desmorona ou endura,
Mas faz esperança de criança
Transubstância, vida futura.